

## **ESCOLA DO MST E EDUCAÇÃO LIBERTADORA<sup>1</sup>**

**Leomar Borba Medeiros<sup>2</sup>.**

<sup>1</sup> Pesquisa desenvolvida no componente de História, Concepções e Métodos em Espaços de Educação Popular

<sup>2</sup> Bolsista Capes, Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências pela UNIJUI. Linha de pesquisa III: Educação popular em movimentos e organizações sociais.

**INTRODUÇÃO** – Nas sociedades ocidentais a influência de padrões sociais latifundiaristas das elites introduziram, culturalmente, padrões culturais que não correspondem e não contemplam sujeitos que vivem dentro destes modelos de produção. As contradições criadas pelo capitalismo atingem, no interior dos Estados modernos, que o próprio capitalismo possibilitou sua formação, as instituições que dentro do próprio Estado se constituíram.

Nesta perspectiva, as orientações dos Estados nacionais, em suas diversas esferas de atuação, foram condicionadas ao dinamismo do mercado global, o que tencionou a educação a seguir as mesmas orientações. Assim os movimentos sociais se desenvolvem com grande importância no que diz respeito ao enfrentamento as imposições do mercado mundial e na organização das sociedades e da vida das pessoas. A tentativa destas organizações pelo enfrentamento é de mostrar a exploração dos povos e de dominação dos mesmos pela economia.

Nas diversas esferas de atuação dos movimentos sociais são apresentadas alternativas de mudanças. Contudo, não há grandes diferenças nas intencionalidades destes movimentos; as propostas convergem em uma base que garanta a sobrevivência e reprodução das estruturas que divergem da exploração e dominação.

As mobilizações, lutas, reivindicações e ações são propositivas, como apresentada pelo Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), têm trazido resultados importantes na conquista que atingem diretamente a educação das comunidades que se desenvolvem nos assentamentos.

Buscamos, assim, refletir sobre como os camponeses, integrantes do MST do Noroeste do Rio Grande do Sul, chegaram a conquistar papel relevante dentro das instituições modernas, neste caso a escola, para refletir sobre os elementos que fundamentam seus processos educativos. As considerações são de como a escola incorpora as contribuições das propostas de educação libertadora, proposta por Freire, considerando o contexto, dialogo e a emancipação dos educandos e educandas nos seus processos educativos.

**METODOLOGIA** – Foram consideradas, para a elaboração deste trabalho, a pesquisa empírica, ou pesquisa participante, juntamente com pesquisas bibliográficas que fundamentam e dão embasamento teórico para o trabalho. Este trabalho leva em consideração algumas praticas

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XIX Jornada de Pesquisa

pedagógicas, entrevistas com a comunidade, análise de documentos da Escola Estadual de Ensino Médio Joceli Correa, buscando desenvolver um diálogo entre autores, escola e prática.

**RESULTADOS E DISCUSSÕES** – O MST está entre as organizações mais significativas das lutas sociais do campo. Como protagonistas, atuam em favor dos povos historicamente excluídos da participação do projeto de modernidade para o campo. Sua visibilidade se consolida constantemente apesar de passar por períodos de crises. O fortalecimento do MST se dá a partir da segunda metade do século XX que busca combinar vontade de mudança nas relações sociais e econômicas no campo com o atendimento dos sujeitos excluídos destes processos.

O MST originou-se na luta pela terra no Sul do país, em 1978. Antes, outros movimentos haviam levantado a bandeira da reforma agrária como o Movimento dos Agricultores Sem-Terra – MASTER, durante os anos 60, no Rio Grande do Sul, que reuniu boa parte das lideranças locais que lutavam pela Reforma Agrária. (AUED et al, 2005, p. 63)

Neste início de caminhada surge a ditadura militar no Brasil que silenciou pessoas, grupos sociais, movimentos sociais, instituições e repressou as necessidades que nem puderam ser nomeadas devido à forte repressão. Porém, tiveram força. As táticas de silenciamento impostas aos que necessitavam de trabalho e terra para produzir, morar e viver, ou seja, condições para ser e se desenvolver como pessoas.

Ao juntarem as experiências de outros grupos sociais, já constituídos e terem acesso à memória de suas lutas anteriores, conseguiram apoio de outras instituições e pessoas que somariam para ampliar as percepções sobre os tempos vividos formaram as ações, de forma organizada.

No que diz respeito especificamente à luta dos sem-terra, esse movimento tem início na Encruzilhada Natalino (RS), em dezembro de 1980. Não eram mais do que uma dezena, no princípio, mas tempos depois mais de 600 pessoas. Segundo Marcon (2002, p. 44) em parte eles foram influenciados pelo MASTER, mas eles surgem também porque catalisam as contradições da estrutura fundiária na região. (AUED et al, 2005, p. 66).

Pela bandeira da reforma agrária, o MST se constituiu organicamente crescendo e se fortalecendo dos processos de enfrentamento contra as desigualdades sociais no campo. Em 1984, os trabalhadores rurais, que protagonizavam essas lutas pela democracia da terra e da sociedade mais justa, convergem no intuito de realizar um encontro nacional, em Cascavel, no Paraná. Ali, decidem formalizar um movimento camponês nacional, o MST, com três objetivos principais: lutar pela terra, lutar pela reforma agrária e lutar por mudanças sociais no país. (MST, 2002, p. 9)

Além do enfrentamento político-social pelo direito à terra, o MST passou a lutar por educação e escola. Não descuidou das crianças e dos jovens que foram viver sob a sua orientação. Educar, para e no Movimento, logo se tornou prioridade. Ter escolas (mesmo que fossem itinerantes), professoras e professores e um jeito de aprender e ensinar, foi outra necessidade que se somou às primeiras.

Escola do assentamento – A educação que objetiva o MST tem mostrado que o empenho e criatividade vêm representados de grande mobilização, também de outros sujeitos que não somente

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico

**Evento:** XIX Jornada de Pesquisa

do Movimento. Como outros assentamentos o Assentamento Rondinha de Jóia – Rs é fruto de enfrentamentos e negociações as diferentes esferas governamentais. Conforme o PPP da Escola Estadual de Ensino Médio Joceli Correa [...] No dia 15 de março de 1995, o governo federal não resistindo à pressão da luta, resolveu negociar a compra da área da Fazenda Rondinha, no valor de R\$ 8 milhões e 300 mil reais. Porém, como a empresa VARIG estava em débito com o governo federal, pelo não pagamento do INSS, este recebeu a área em desconto da dívida. A mesma foi sorteada no dia oito de abril de 1995, tendo sido assentadas 232 famílias, em torno de 800 pessoas, oriundas da grande região de Palmeira das Missões, região das Missões e região de Erechim [...] (PPP, 2006, p.2).

Sendo assim, a escola surge deste processo de luta do Movimento voltada a uma educação que fosse direcionada aos seus filho e filhas. Ao passo em que as famílias foram assentadas a oferta de educação vem ao mesmo passo. O Estado se manifesta por medidas provisórias tendo como ponto inicial o governo do Estado do RS e Municipal.

No mesmo ano do assentamento, logo que as primeiras 40 famílias aqui chegaram, entraram com um pedido junto às negociações com o governo estadual, de uma escola para o assentamento. Mas, como este processo ia demorar tiveram que mandar seus filhos de 1ª a 4ª série para uma escola próxima, a Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Leonilda Zardin Nicoletti e de 5ª a 8ª série, para a Escola Estadual de 1º Grau Edmar Kruehl, na localidade de São José. (PPP, 2006, p.2).

Devido ao “novo” perfil de aluno e de suas origens, as escolas que os acolheram não estavam preparadas para oferecer atendimento adequado aos educandos e educandas do Movimento. Outro agravante foi as distancias a serem percorridas pelos estudantes para terem acesso à escola. Estes fatores serviram para alimentar os argumentos em defesa da escola para a localidade.

Assim o Movimento assume a luta pela construção de uma escola voltada aos interesses às famílias assentadas. Fato este que se concretiza em 1998 quando é oficialmente entregue a escola á comunidade. Em 2003 o MST foi novamente desafiado em rever, analisar proposta Política Pedagógica onde aparece com mais representatividade as propostas de Educação Popular.

O próximo passo foi a conquista, por parte da escola, de poder ofertar o Ensino Médio. Este novo desafio traz consigo outras propostas que equacionaram metodologicamente pela Pesquisa Participante como norteadora de todas as modalidades de Ensino.

Portanto, trazendo presente esta realidade e culminando com a abertura do Estado com as discussões através da Constituinte Escolar, iniciou-se uma nova e ampla discussão na comunidade escolar e assentada, em torno da construção de uma Proposta Política Pedagógica para a Escola. (PPP, 2006, p. 3)

Percebemos que a escola em estudo incorpora suas práticas educacionais, políticas, culturais à valorização dos sujeitos e seus saberes. Assumindo, então, a proposta de Freire de conceber o homem como um ser que vive se constrói nas relações com os outros e nos contextos em que se encontram e, a partir daí, modifica-lo.

Nas propostas da escola, na sua diversidade de sujeitos e propostas de dialogo, os espaços de formação oferecem a possibilidade dos mesmos falarem, ouvirem e serem ouvidos. Neste sentido a

**Modalidade do trabalho:** Ensaio teórico  
**Evento:** XIX Jornada de Pesquisa

escola considera, também, o lugar desses sujeitos, suas histórias, ou melhor, sua bagagem de vivências. Através da pesquisa participante os conhecimentos e valores como o respeito a diferença, a solidariedade a dedicação ao conhecimento por meio dos diálogos entre estes temas. Esta participação reforça a cultura de resistência que se manifesta na luta e favorece a emancipação dos sujeitos sem-terra.

Conclusões – Podemos dizer que a escola que pesquisamos desenvolve suas práticas com base nas propostas freireanas de educação com aproximação principalmente quanto à visão dialógica entre sujeito, escola e movimento social. Vemos que a emancipação destes sujeitos, protagonistas de sua história, busca como uma das possibilidades de emancipação a educação libertadora em Freire.

#### Referências

AUED, B. W. et al. Retratos do MST: ligas camponesas e movimento dos trabalhadores rurais sem terra. Cidade Futura, 2005.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro. 17<sup>a</sup>. ed., Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade. Rio de Janeiro. 5<sup>a</sup>. ed., Paz e Terra, 1981.

TORRES, Alfonso Carrillo. La Educación Popular: trayectoria y actualidad. Bogotá, Ed, El Búho Ltda. 2008.

PALUDO, Conceição. Educação popular em busca e alternativas: uma leitura desde o Campo Democrático e Popular. Tomo editado, Porto Alegre. 2001.

#### Outros

Revista – Secretaria Nacional do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, 2010.

Plano Político Pedagógico 2006 – Escola Estadual de Ensino Médio Joceli Correa.